



Documentário e Conspiração: o caso The Epoch Times Brasil

Documentary and Conspiracy: The Epoch Times Brazil's case

Maria Estela Silva Andrade ^{a,*} 

Gustavo Souza ^a 

Paolo Demuru ^b 

RESUMO: Este artigo busca evidenciar por meio de análise pautada na semiótica estruturalista de Greimas, características presentes na construção discursiva do documentário “China - Brasil e a Guerra Irrestrita Contra a Pátria”, produzido pela sucursal brasileira do jornal estadunidense *The Epoch Times*, que corroboram à criação de uma aparência de verdade para conteúdos desinformativos e teorias da conspiração. Ao longo do texto é dado o histórico do veículo jornalístico e sua relação com a extrema direita, além da descrição do documentário, as oposições semânticas de seu discurso, suas estruturas narrativas e discursivas e temas e figuras presentes. Por fim, conclui-se que a elaboração discursiva é similar à já observada em outros documentários conspiratórios, visa um “leitor modelo” e é pautada na performance do jornalista-apresentador.

Palavras-chave: Comunicação Midiática; Documentário; Semiótica; Conspiração; The Epoch Times.

ABSTRACT: This article seeks to highlight, through an analysis based on Greimas' semiotics, characteristics presented in the discursive construction in the second part of the documentary serie “Brazil – A last stand in the Americas”, produced by the brazilian branch of the US newspaper *The Epoch Times* – which corroborate with an appearance of truth to disinformational content and conspiracy theories. Throughout the text, the history of the journalistic vehicle and its relationship with the far right is described, followed by the description of the documentary, the semantic oppositions of its discourse, its narrative and discursive structures and the themes and figures presents. It is concluded that the discursive elaboration is similar to that already observed in other conspiracy documentaries, aims at a “model reader” and is based on the performance of the journalist.

Keywords: Media Communication; Documentary; Semiotics; Conspiracy; The Epoch Times.

^a Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, SP, Brasil.

^b Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática, Universidade Paulista, São Paulo, SP, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Geane Valesca da Cunha Klein. E-mail: geanevalesca@unir.br. Endereço/Address: Campus - BR 364, Km 9,5, Porto Velho – RO, CEP 76801-059.

Recebido em/Received: 17/08/2023; Aprovado em/Approved: 17/11/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, estudos têm observado expressivo aumento na produção e circulação de discursos de desinformação, notícias falsas e teorias conspiratórias concomitante ao fortalecimento ao redor do mundo de movimentos e partidos políticos ligados à ultradireita (*far right*) – tidos, na classificação de Mudde (2019, p. 16), como grupos avessos à democracia -, muito devido à ampliação do acesso a tecnologias de comunicação e popularização de sites de redes sociais (Demuru 2020; Oliveira 2020; Albuquerque, Quinan 2019 entre outros). Tendo em vista o apelo audiovisual das plataformas *online*, obras dessa natureza tornam-se poderosas ferramentas de disseminação de tais manifestações e, nesse contexto, produções do gênero documentário se mostram interessantes objetos de análise devido à sua popularidade, à tradição de seu formato e à falsa aparência de objetividade científica gerada pelas características de seu dispositivo fílmico, atributos esses que fazem com que o gênero seja utilizado como abrigo a teorias conspiratórias desde a primeira metade do século XX¹.

Dado o contexto, buscamos neste artigo compreender os mecanismos e as características contidas na construção discursiva de um documentário conspiratório com potencial de produzir desinformação e corroborar com crenças extremistas. De acordo com o estudioso da área Michael Barkun (2003, p. 3), a essência de teorias conspiratórias está na tentativa de delinear um plano maléfico gestado fora de uma comunidade específica por uma organização ou grupo de indivíduos, baseado nos seguintes princípios: (I) nada ocorre por acidente; (II) nada é o que parece; (III) tudo está conectado. Assim, com a metodologia da semiótica estruturalista de Greimas é feito o levantamento das estratégias narrativas, enunciativas e dos temas e figuras presentes que proporcionam um *fazer parecer* verdadeiro, o qual acreditamos ser característico desse tipo de narrativa. Para composição do corpus, foi selecionado o episódio “China - Brasil e a Guerra Irrestrita Contra a Pátria”, segunda parte da série “As Eleições do Fim do Mundo”, produzido pela sucursal brasileira do jornal estadunidense *The Epoch Times*, a respeito de supostos interesses de dominação mundial do Partido Comunista Chinês (PCC). O critério de escolha baseou-se no tema abordado, no país de origem, na língua da produção, ano de lançamento, disponibilização gratuita na plataforma de vídeos *YouTube*, número expressivo de visualizações² e na existência de poucos artigos acadêmicos que se debruçam sobre o discurso deste veículo midiático em específico.

1 Segundo pesquisa de Sørenssen (2013, p. 203), o primeiro filme documentário com viés conspiratório foi *O Eterno Judeu* (1940), de Fritz Hippler, voltado à disseminação da ideologia nazista.

2 Até 29/05/2023, o vídeo contava com 284.125 visualizações no canal NTD Brasil na plataforma *YouTube*, no entanto, ao longo do processo de escrita deste artigo, foi retirado do ar e repostado em lista privada, perdendo seus dados de acesso anteriores. [Acesso em 31 maio 2023]. Disponível em: <https://youtu.be/MkY6pyrIFiY>.

A EXTREMA DIREITA E O THE EPOCH TIMES

Na última década, observa-se popularização de ideais da direita radical e aumento na quantidade de organizações, político-partidárias ou não, ligadas a esse espectro político (Mudde 2019; Löwy 2014). Em seu livro *The far right today*, o estudioso do tema Cas Mudde (2019) caracteriza este retorno como uma quarta onda dos movimentos de ultradireita no pós Segunda Guerra Mundial iniciada nos anos 2000 e proveniente de três crises que afetaram as democracias ocidentais, sendo: (1) os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e os embates que o sucederam, (2) a recessão do sistema financeiro ocorrida em 2008 e (3) a “crise dos refugiados” (aspas do autor) de 2015.

Fundado em 2000 nos Estados Unidos por sino-americanos pertencentes ao *Falun Gong* - movimento religioso perseguido pelo Partido Comunista Chinês - com objetivo de “descobrir e compartilhar a verdade em meio a uma catástrofe de direitos humanos na China comunista” (The Epoch Times 2023, tradução nossa), o jornal *The Epoch Times* se desenvolveu econômica e ideologicamente no cenário descrito, e por meio de táticas de impulsionamento pago em redes sociais, em especial o *Facebook*, expandiu seu alcance e ganhou notoriedade em círculos anticomunistas e conservadores. Atualmente, o *The Epoch Times* é publicado em 22 línguas e distribuído de forma *online* em 36 países e regiões, entre eles o Brasil, por meio de uma plataforma de assinatura própria, e é controlado pelo *Epoch Media Group*, organização sem fins lucrativos da qual também faz parte a emissora jornalística *New Tang Dynasty Television (NTD Television)*. Segundo o presidente do observatório *Media Matters for America*, Angelo Carusone, o propósito do *Epoch Media Group* se resume a construir uma operação de influência com finalidade de fomentar sentimentos contrários ao PCC3. Na última década, o jornal tem ecoado não apenas sentimentos anti-China, mas também teorias da conspiração, notícias falsas, movimento antivacina, negacionismo climático e apoio a líderes e partidos da ultradireita ao redor do mundo como Jean-Marie Le Penn e Marinne Le Penn na França, *Alternative for Germany* na Alemanha e Donald Trump nos Estados Unidos (Waldman 2021; Wilson 2021; Roose 2020; Hettena 2019; Zadrozny, Collins 2019).

METODOLOGIA

Para que seja atingindo o objetivo de levantar e compreender as estratégias verbovisuais de um documentário conspiracionista, partimos da seguinte pergunta: quais características, tanto linguísticas quanto fílmicas, fazem com que o discurso proferido *pareça* verdadeiro? Dessa forma, optamos pela abordagem metodológica que se vale da semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas.

Por se tratar de um arcabouço teórico que compreende a relação do ser com o mundo como mediada pela linguagem e pelos discursos socioculturalmente construídos ao

3 WILSON, J. 2021. Falun Gong-aligned media push fake news about Democrats and Chinese communists. *The Guardian*, 30 abr. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2021/apr/30/falun-gong-media-epoch-times-democrats-chinese-communists>

redor, permite a compreensão da verdade não como algo fixo e restrito, mas como um *efeito de sentido* passível de ser produzido pelo enunciador, em outras palavras, um *fazer parecer verdadeiro*, como explicado por Greimas (2014, p. 122) em texto destinado a Paul Ricoeur:

Esse parecer não visa mais, como no caso da verossimilhança, à adequação ao referente, mas à adesão da parte do destinatário a quem se dirige e por quem procura ser lido como verdadeiro. Tal adesão, por sua vez, só pode ser obtida se corresponder à sua expectativa; ou seja, a construção do simulacro da verdade é fortemente condicionada não diretamente pelo universo axiológico do destinatário, mas pela representação que dele fizer o destinador (...).

Assim, construímos nossa análise do documentário em questão a partir de um estudo que abarca desde as oposições mais fundamentais da sintaxe narrativa, como a atribuição de valores eufóricos e disfóricos aos actantes, à complexidade das relações semissimbólicas contidas nas imagens, que associam determinados temas a figuras específicas, o que nos permite observar mais a fundo a construção de um juízo de valor e de uma manipulação discursiva, mesmo que não totalmente explícitos.

ANÁLISE

“As Eleições do Fim do Mundo” é uma minissérie composta por dois episódios documentais com cerca de uma hora cada, produzida pelo núcleo brasileiro do jornal *The Epoch Times* e lançada em sua plataforma digital voltada ao Brasil e no canal da NTD Brasil no *YouTube* a uma semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022, em que concorreram os candidatos Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores) e Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal). A série completa também encontra-se disponível com legendas nas plataformas e canais dos respectivos veículos de imprensa voltados à língua inglesa.

O primeiro episódio, nomeado “O Mundo Inteiro está Olhando para o Brasil”, se debruça sobre as relações do Brasil – em especial nos períodos de governos petistas – com os partidos integrantes do Foro de São Paulo e um hipotético plano de implantação do comunismo por esses; já a segunda parte, “China – Brasil e a Guerra Irrestrita contra a Pátria”, a qual tratamos aqui, é dividida em cinco segmentos e aborda supostos interesses recentes e estratégias da China, sob comando do Partido Comunista, para a América Latina, em especial o Brasil.

Oposições Semânticas

Damos início à análise ao identificarmos o sujeito Brasil, sob as figuras da nação, do povo brasileiro e do espectador; e o antissujeito China, representado pelo Partido Comunista Chinês, seus líderes, emissários, apoiadores e empresas chinesas. Dessa forma, a partir do percurso gerativo de sentido proposto por Greimas (Greimas e Rastier 1974), a linha narrativa do filme se faz compreensível como a trajetória do

sujeito (Brasil) manipulado pelo antissujeito (PCC) que possui interesses escusos (dominação mundial). Nessa caracterização semântica, o sujeito e suas representações são dotados de valores eufóricos, no entanto, tal euforia não se estende a todos os brasileiros(as) ou a quaisquer ideais de nação, mas apenas àqueles(as) que apoiam os princípios capitalistas e conservadores, público para o qual todo o discurso do documentário é construído. Por outro lado, em oposição, o antissujeito e suas figuras carregam valores disfóricos, mesmo aquelas externas ao PCC mas que de alguma forma possuem relação com a esquerda, como os países com partidos políticos integrantes do Foro de São Paulo, independente de essa ser uma instituição formada por organizações partidárias e não por Estados. Tanto as características da euforização quanto da disforização ficam claras já nos primeiros segundos com a contextualização do jornalista-apresentador que, ao comentar o propósito do episódio anterior da série diz que esse investigou “as raízes dos regimes de esquerda da América Latina, os laços que possuem entre si e com partidos brasileiros e qual seu interesse nas eleições de 2022 no Brasil” - tudo isso acompanhado por uma trilha musical de tensão e imagens de líderes como Lula, Evo Morales, Gustavo Petro, Fidel Castro, Che Guevara e um rápido *insert* de Bolsonaro quando a palavra “eleições” é proferida. O trecho e a música se prolongam com a explicação de que o segundo episódio se debruça sobre “os interesses do Partido Comunista Chinês nessa disputa”, com abordagem de “fatos com impacto direto para o futuro de nosso país e de nosso planeta” enquanto imagens de Lula com representantes chineses entram em quadro, seguidas das manchetes jornalísticas “PT vai à China aprender com comunistas” e “Foro de S. Paulo – Relações entre China e América Latina na nova era”.

A oposição de valores descrita não nos surpreende, pelo contrário, é esperada quando levamos em conta que o *The Epoch Times* é um veículo de imprensa fundado por sino-americanos pertencentes a um grupo religioso perseguido pelo PCC e com sede nos Estados Unidos, atualmente maior rival da China não apenas no aspecto econômico, mas também na disputa por protagonismo na geopolítica mundial. Com isso em vista, as oposições semânticas não se restringem a euforia e disforia, são oposições entre os sistemas capitalista (eufórico) e socialista (disfórico) que podem ser estendidas para: bem x mal; liberdade x dominação; direita x esquerda; verdade x mentira, polarizações que, segundo Demuru (2022, p. 113), são comuns no descrédito a instituições, autoridades e regimes políticos. A nosso ver, mesmo se tratando de sino-americanos, também é configurada, mesmo que de forma mais sutil, oposição entre Oriente (disfórico) e Ocidente (eufórico), a partir da construção de uma visão orientalista (SAID 2007) com a finalidade de criar uma narrativa totalizante em que o “outro”, representado pela China, o comunismo e tudo que lhe diz respeito alude ao perigo iminente.

Estruturas Narrativas e Enunciativas

O filme é estruturado no modelo expositivo - caracterizado por expor um argumento e dirigir-se diretamente ao (à) espectador(a) (Nichols 2005, p. 142) - e dividido em cinco

capítulos que têm o intuito de mostrar que a manipulação é exercida pelo antissujeito sobre o sujeito na forma de seu poderio econômico e político.

Tanto o primeiro quanto o segundo episódio da série têm início com uma rápida inserção com quebra da quarta parede e fala direta ao (à) espectador(a) na qual há contextualização do tema a ser apresentado – os interesses do PCC nas eleições brasileiras de 2022 - e é explicado o propósito da produção: fazer com que quem assiste ao documentário enxergue a realidade do país “sob uma nova luz” [sic] e tome “decisões informadas” [sic], o que atribui à obra, logo de início, o papel de *objeto modal do saber*, instrumento que levará o sujeito da ignorância à sabedoria e lhe dará a competência necessária para resistir à manipulação aplicada pelo antissujeito. Assim como Andrade, Rossi e Demuru (2022, p. 256) observaram em análise do documentário conspiratório “Cortina de Fumaça”, logo no início, ainda na inserção pré-filme, vemos que esse é apresentado “como resposta a uma busca da humanidade por uma verdade complexa que precisa ser revelada e, para isso, a [empresa] produtora apresenta sua competência para a tarefa”, em outras palavras, o *The Epoch Times* se coloca como veículo ideal para passar as informações que serão exibidas a seguir ao se julgar ideologicamente isento e moralmente superior por não possuir amarras financeiras com outras instituições e partidos políticos- apesar de ter sido um dos maiores financiadores da campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2019⁴.

Ainda nesse prelúdio, o jornalista-apresentador, personagem que guiará o (a) espectador(a) por essa jornada, e o CEO da empresa no Brasil ressaltam a qualidade, a disponibilização gratuita da produção, a importância do trabalho jornalístico feito, uma suposta “censura” e o propósito da NTD e do *The Epoch Times* em “noticiar com base em verdade, tradição, expor as atrocidades do comunismo omitidas do público e produzir material que inspire o melhor da alma humana”; argumentos usados como justificativa ao pedido de apoio financeiro à instituição enquanto manchetes contrárias ao Partido dos Trabalhadores (PT) e imagens de Lula em encontros com líderes de esquerda se sucedem em quadro. A interpelação por doações é repetida por mais duas vezes ao longo do filme de maneira mais sucinta e sempre de apartada da narrativa, similar a um breve intervalo comercial.

Assim, antes mesmo do início do filme fica claro o caráter disfórico que a China e as representações do espectro político da esquerda como um todo terão no discurso. O uso da palavra “atrocidades” institui o antissujeito de um poder destrutivo, logo, por consequência, é produzido o lugar da vítima, no caso, o Brasil e seu povo que estão à mercê dos interesses estrangeiros. No entanto, diferente da constatação de Brian Winston (2011) a respeito da tradição da vítima no documentário griersoniano, aqui a vítima não encontra-se no “outro” que se opõe ao cineasta masculino branco proveniente das classes média e alta; a questão é movida do campo socioeconômico para o político-ideológico, ou seja, os “outros” passam a ser aqueles que se identificam

4 Informação retirada de Zadrozny e Collins 2019.

com o espectro político oposto ao defendido pelo enunciador, nesse caso, a esquerda ou até mesmo centro-esquerda progressista.

Outra mudança nesse ponto se faz presente na enunciação: os avanços tecnológicos tornaram possível aos adeptos de conspirações, independente do campo político, desenvolver e distribuir seus próprios filmes, facilitando o acesso do público em geral a esses (Pedersen 2013), movendo a “vítima” de um lugar passivo, em que essa e suas questões eram apresentadas pelo olhar externo do cineasta, a um lugar ativo de construção de seu próprio ponto de vista. A “vítima” e o cineasta (no caso, empresa) tornam-se um na *simulação* de busca de pela verdade. *Simulação* pois os entendimentos não são simultâneos como a interpretação tenta fazer crer, mas se dão em momentos distintos: a empresa produtora/realizador(a) tem acesso aos fatos e os interpreta na etapa de pesquisa da obra (se supusermos que houve adoção dos princípios do trabalho jornalístico) e os reconstrói de forma a criar uma linha narrativa; enquanto quem consome o conteúdo acessa e interpreta as informações apenas no momento da exibição, quando essas já foram previamente selecionadas e interpretadas pela empresa produtora/realizador(a); no entanto, a performance⁵ do jornalista-apresentador que reproduz o processo de investigação jornalística e mostra surpresa somada à estruturação cinematográfica de manipulação dos quadros pela montagem *simulam* simultaneidade entre realizador(a) e espectador(a) nos acessos e interpretações.

A estratégia de disposição de camuflagens subjetivantes auxilia nesse processo, seja nas entrevistas com os especialistas ou nos relatos pessoais que dão potência às revelações, trazidas ao (à) espectador(a) sem intermediários, a fim de potencializar os argumentos com o pressuposto de um acesso direto à realidade e/ou com a criação de um vínculo sentimental, como nos trechos em que um dos entrevistados conta sua própria experiência de trabalho na empresa chinesa *Huawei*, ou até mesmo na cena final em que o jornalista-apresentador quebra a quarta parede e se dirige diretamente ao público para dar as impressões que teve ao longo do processo de produção do filme. A camuflagem objetivante também está presente, porém em um formato menos direto na predominância da forma e da estética do discurso jornalístico que gera um “efeito de ser verdadeiro por meio da suposta isenção, veracidade, seriedade, apartidarismo, neutralidade e independência financeira” (Andrade, Rossi, Demuru 2022, p. 256).

O clima de tensão que perpassa todos os 68 minutos de duração da obra (descontado o prelúdio) é instaurado logo na introdução com música de fundo e montagem paralela entre oposições de imagens e discursos, compostas do lado disfórico por pequenos trechos de dois vídeos: um no qual Lula fala em tom agressivo em favor dos chineses, seguido por imagens do histórico conflito da Praça da Paz Celestial de 1989 que reiteram a brutalidade do antissujeito, e com parte do discurso de um representante

5 Neste artigo, utilizamos o termo *performance* num sentido similar a Baltar (2010, p. 220), com significado de “projeção moral”.

do Estado brasileiro alegando que “não há futuro para o Brasil sem a China”; e, pelo lado eufórico, por fragmentos de entrevistas de especialistas e representantes de Estado dos Estados Unidos que acusam seu rival de interesses maléficis, o que, automaticamente, os coloca como “o lado do bem”. Um importante adendo é que nenhum dos vídeos utilizados, pró ou contra a China, traz referências de datas ou locais dos acontecimentos e falas, os deixando, muitas vezes, descontextualizados em meio à construção narrativa. Entre alguns dos cortes utilizados na montagem paralela há rápidas inserções de imagens em plano próximo de objetos como um relógio, um computador e uma caneca de café. No entanto, notamos que essa é a única sequência na qual imagens de arquivo são utilizadas como geradoras de tensão, sendo que, ao longo da obra, retornam de forma meramente ilustrativa às falas de entrevistados e à narração; ao contrário da música tensa, que se faz presente no *background* sonoro por todo o filme. Quanto às dramatizações ou pequenas inserções de objetos e paisagens, notamos que cumprem a função de contribuir à estética de jornalismo investigativo e/ou à performance do jornalista-apresentador como um profissional incansável, prestes a descobrir um grande segredo, sendo que em ambos casos é perceptível a inspiração em estereótipos do cinema hollywoodiano.

Após a introdução descrita acima, o título da obra surge acima de uma imagem do jornalista-apresentador caminhando em direção a um infinito branco sobre palavras que parecem impressas em uma folha de jornal, como se adentrasse ao mundo do conhecimento [figura 1]. Em seguida, entra uma cartela com fundo claro, composta pelos olhares contrapostos dos dois presidentiáveis, cada um em um extremo do quadro, como se estivessem prestes a entrar em uma batalha, no entanto, o semblante de Bolsonaro aparenta mais calma e determinação, enquanto o de Lula transparece raiva [figura 2].

Figura 1



Fonte: Frame do filme “China – Brasil e a Guerra Irrestrita Contra a Pátria”

Figura 2



Fonte: Frame do filme “China – Brasil e a Guerra Irrestrita Contra a Pátria”

Os capítulos têm seu início marcado por pequenos fragmentos de imagens formados no centro de uma cartela branca, sempre com figuras relacionadas ao Estado chinês e com os títulos escritos em português e mandarim. Apesar de cada divisão do filme abordar um tema, todas são estruturadas da mesma forma a partir de uma questão ou comentário do jornalista-apresentador que o leva a uma entrevista. Chama nossa atenção que, embora esse se diga um trabalho jornalístico, todos os especialistas entrevistados apresentam visões disfóricas a respeito da China e do PCC, e quando não possuem algum tipo de vínculo com instituições conservadoras (como a igreja católica ou até mesmo com a ultradireita), são outros profissionais ligados do *The Epoch Times*. Em momento algum é aberto espaço ao contraditório ou se leva em conta as dinâmicas comuns da política internacional que perpassam todos os países em suas relações com quaisquer Estados que defendem seus próprios interesses, pelo contrário, essas são tratadas a partir da ideologia do *globalismo*⁶: “Na União Soviética, eles tinham a Internacional Comunista. No sistema atual, eles têm o globalismo”, afirma Joshua Phillip, jornalista do *The Epoch Times* nos Estados Unidos. Também é ignorado o fato de muitas das ações com viés de dominação das quais o Estado chinês é acusado, também foram executadas em outros momentos da história por outros países, entre eles os Estados Unidos e empresas americanas, como espionagem industrial, coleta de dados sensíveis de civis e uso da mídia para divulgações de culturas nacionais e ideologias.

Os minutos finais do documentário se desvinculam do padrão estabelecido. Mesmo com uma narração *off* do jornalista-apresentador em alguns pontos do episódio em que esse conta ao (à) espectador(a) as indagações que o levarão aos próximos passos

6 Teoria da conspiração na qual há um projeto de uma elite transnacional que destruiria nações e acorrentaria o pensamento humano a fim de “privar o homem da liberdade e do senso de propósito” (Martins apud Demuru 2022).

da “investigação”, aqui, a quarta parede é quebrada e esse fala direto ao público com uma mensagem de isenção, afirmando a não intenção de ofensa a nenhum dos candidatos ou pessoas citadas, e com reforço ao intento do trabalho de fazer com que quem o assiste possa decidir de maneira consciente. Nesse ponto, a performance do jornalista simula um lugar de vulnerabilidade em que a personagem revela suas impressões e sentimentos em relação ao processo de construção da obra cinematográfica em questão: “Esse realmente é um documentário sobre as eleições, mas aceitei dar tudo de mim porque acho que esse é um documentário sobre eleições em outro sentido: é sobre o que elegemos acreditar em nossos corações”. O (A) espectador(a) é instituído como seu próprio destinador, não mais à mercê do controle externo que é explicitado na narrativa. Quanto a isso, é possível traçar uma aproximação com os despertares políticos e religiosos descritos por Crary (2016) como formas de decisionismo, um ponto de ruptura em que o indivíduo rompe com seu tempo histórico e é apresentado a um futuro transformador até então desconhecido.

Temas e Figuras

É possível dizer que há um único tema que perpassa toda a obra: o suposto plano de dominação mundial do Partido Comunista Chinês, dividido nos subtemas: (1) relações internacionais, (2) poder econômico, (3) manipulação ideológica, (4) autoritarismo e (5) resistência. Ao longo dos capítulos, o tema e os subtemas, sempre trazem o antissujeito como agente atuante em favor da manipulação, sendo esse representado por diferentes figuras a cada segmento.

O primeiro capítulo, “Foro de São Paulo e o Partido Comunista Chinês” traz não só as figuras presentes em seu título, como também introduz os Institutos de Relações Internacionais Contemporâneas da China (CICIR, sigla em inglês), complexo de pesquisa e consulta com foco em estudos estratégicos e de segurança internacionais⁷, porém, descrito no filme como um órgão voltado à inteligência e à espionagem internacional. Nesse arranjo, enquanto a China, o PCC e o CICIR aludem ao mesmo ente - o antissujeito -, representados figurativamente por funcionários do Estado chinês e por um quadro de Mao Tsé Tung que é mostrado, mesmo que sem destaque, em vários momentos. Já o Foro de São Paulo, clássico agente de teorias conspiratórias da ultradireita no Brasil (Demuru 2021), é trazido como representante da esquerda brasileira organizada, chefiada pelo PT, um inimigo interno que auxilia o antissujeito autor da manipulação, visando minar a própria nação em troca de um ganho pessoal, mas, por enquanto, sem uma figura central de destaque que o represente – o que acreditamos não ser necessário, já que há no imaginário popular da política brasileira associação direta do Partido dos Trabalhadores à figura de Lula.

No segundo capítulo, a Iniciativa do Cinturão e Rota - esquema de desenvolvimento chinês que envolve iniciativas de desenvolvimento e investimentos em diversos países

7 Informação retirada de: <http://www.cicir.ac.cn/NEW/en-us/aboutus.html> [Acesso em 20 jun 2023].

com uma gama de projetos de infraestrutura, a fim de criar uma versão moderna da antiga Rota da Seda (Conti, Mosias 2020) – é colocada no centro do debate para evidenciar a manipulação chinesa a partir de seu poder econômico, representada sob as figuras da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN) e de um mapa mundi sobre o qual discorreremos mais adiante. Salta aos olhos que, no que se refere à COSBAN, tenham sido escolhidas imagens nas quais o vice-presidente de Bolsonaro, general Hamilton Mourão, representa o Brasil nas tratativas com chineses, se mostrando próximo a eles, ou seja, um traidor dos interesses brasileiros. Acreditamos que a escolha pela utilização dessa figura cumpre uma tentativa de dialogar com parte do bolsonarismo que rechaça o general sob alegação de que esse estaria contra o então presidente⁸.

O esquema de manipulação chinesa continua como subtema do terceiro capítulo, no entanto, agora com foco na estratégia com a revelação de planos trazidos a público pelo vazamento em 2021 de um discurso feito em 2016 pelo professor e conselheiro do Partido Comunista Chinês Jin Canrong. Em um dos planos supostamente vazados, o Brasil seria usado como isca para prender a atenção do governo estadunidense e facilitar a expansão mundial da China a partir da adoção de uma política externa antiamericana – pouco a pouco, países seriam manipulados até que os EUA se visse sozinho na geopolítica mundial. As outras duas estratégias reveladas se resumem ao entrelaçamento de economias e influência na política interna de países, que levariam, por consequência, ao controle dos parlamentos.

Canrong passa a ser a figura que representa os interesses escusos chineses, presente logo no título desse segmento: “O Caso Jin Canrong... e o ‘Pai do Candidato’”, mesmo sem indícios de que o conselheiro tenha sido o autor intelectual dos planos. Apesar do alarde da obra em torno dos supostos esquemas chineses, o vazamento do discurso não parece ter sido algo que chamou a atenção da imprensa nacional e estrangeira à época. Na mídia tradicional, encontramos apenas uma nota no blog “Mundialista” da Revista Veja, com linha editorial simpática à direita neoliberal, escrito pela jornalista Vilma Gryzinski⁹, que já publicou artigos com opiniões racistas¹⁰ e baseadas em fatos não comprovados sobre a pandemia de COVID-19¹¹.

Já o quarto capítulo trata a respeito do uso ideológico da mídia pelo PCC. Chamamos a atenção para o significado que o termo *mídia* adquire no filme. Por se tratar de um *significante vazio* (Laclau 2011), há possibilidade de manipulação do sentido do termo

8 Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/12/bolsonaro-tem-relacao-de-adversario-com-mourao-em-postura-similar-a-de-dilma.shtml> [Acesso em 19 jul 2023].

9 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/mundialista/china-tentou-manipular-brasil-contradados-unidos-diz-academico/> [Acesso em 21 jun 2023].

10 Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniao/2021/12/14/em-artigo-racista-colunista-da-veja-mostra-como-so-criadas-teses-fascistas-que-se-propagam-em-grupos-de-odio-107478.html> [Acesso em 21 jun 2023].

11 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/mundialista/teste-da-realidade-virus-saiu-de-laboratorio-e-mascarasforam-inuteis/> [Acesso em 21 jun 2023].

de acordo com o contexto e a finalidade desejada. Aqui, a *mídia* é associada de maneira disfórica a grandes conglomerados de comunicação que visam lucro e não defendem – pelo menos não explicitamente – os mesmos interesses da ultradireita. O discurso construído pela narrativa faz dessas instituições midiáticas figuras centrais, não apenas dentro da China, mas em diversos países, em especial no Brasil, como parte de uma guerra híbrida para “controlar corações e mentes”. A teoria apresentada pelo *The Epoch Times* é de que a partir da exposição de outras nações ao conteúdo produzido pelo *China Media Group*, estatal chinesa de radiodifusão, algo semelhante à teoria hipodérmica da comunicação, a qual considera a informação um instrumento de influência sobre o destinatário (Brandão e Mascarenhas 2022) e o (a) espectador(a) como um ser passivo, o que, nesse caso, permitiria a conversão de populações ao comunismo.

Mais adiante no mesmo segmento, a empresa chinesa *Huawei* é eleita como figura disfórica, uma ameaça iminente que exemplifica o controle do PCC até mesmo sobre empresas privadas. Líder mundial na área de tecnologia da informação, inclusive nas patentes da tecnologia 5G, a empresa foi acusada de espionagem pelo governo americano sob comando do ex-presidente Donald Trump. Como já mencionado anteriormente, não apenas nessa parte, mas principalmente aqui, o depoimento em primeira pessoa do ex-diretor de comunicações da empresa (segundo créditos dados pelo filme) Rafael Fontana, como um “eu fiador da verdade”, é crucial para adquirir a confiabilidade do(a) espectador(a).

Por fim, o quinto capítulo faz uma conclusão do que foi apresentado e não retoma ou institui novas figuras. Notamos que há predomínio de uma estética que tenta aproximar uma área empresarial da cidade de São Paulo a representações fílmicas da cidade de Nova Iorque a partir do clima frio, paisagem cinzenta, pessoas andando pelas ruas em trajes sociais e a compra de um café para viagem em um copo de papel pelo jornalista-apresentador com semblante de satisfação pela conclusão de um trabalho importante, projeção da metrópole cosmopolita que não para, símbolo do progresso capitalista, uma forma de aproximação entre os dois países na busca pela verdade.

Apesar de não estarem referenciados em uma figura visual específica, os Estados Unidos se fazem presentes na narrativa como uma “figura ideológica”, uma entidade que defende os valores corretos e é forte o suficiente para se opor à China e auxiliar o Brasil em sua resistência, pois, ao longo do filme, subentende-se que os planos e ações chinesas têm como objetivo final a destituição dos EUA como líder mundial para que possa tomar seu lugar e tornar o comunismo o único sistema econômico em todo o mundo. Tal aura é construída a partir de trechos e entrevistas com representantes do Estado americano em que esses disforizam o PCC, com citações de listas, investigações e sanções feitas por Washington, e com a exemplificação de situações que opõem os dois países. Ao fim do quarto capítulo, o jornalista americano Joshua Phillip faz uma equiparação que aproxima EUA e Brasil: “E realmente, nesse momento, o povo do Brasil e o povo dos Estados Unidos não são tão diferentes. Todos nós estamos em uma batalha compartilhada, e essa última batalha vai determinar se viveremos em liberdade ou se viveremos sob o socialismo”.

Notamos a construção de outras figuras que atuam de maneira auxiliar à construção narrativa e aparecem em diversos momentos, são elas: o jornalista-apresentador, o mapa-mundi e os documentos em mandarim. A primeira é construída sobre a persona de Marcos Schotgues, creditado como editor-chefe da sucursal Brasileira do *The Epoch Times*, que é quem guia o (a) espectador(a) ao longo da jornada. Por meio de performance e ambientação inspiradas em convenções do gênero cinematográfico do jornalismo investigativo, a figura do jornalista-apresentador visa simular suposta isenção ideológica do jornalismo a fim de dar credibilidade à obra. Também mencionado anteriormente, o mapa-mundi com marcações em países que receberam investimentos chineses é uma figura que remete ao imaginário da guerra e que retorna em diversos momentos para exemplificar, pelo lado chinês, planejamento ao traçar estratégias de conquista, mostrando que os acontecimentos descritos não são meros acasos. Contudo, quando há foco concomitante nas figuras do jornalista-apresentador e no mapa, a leitura que fazemos é a de um profissional focado e determinado em busca da verdade.

Já os documentos em mandarim digitalmente construídos são utilizados como um “coringa visual”, assumindo, assim, uma *função referencial*, na qual, segundo González e Serra (2021, p. 3, tradução nossa),

as relações narrativas são narcotizadas e as referências a algum elemento externo ao texto tornam-se primordiais, (...) [podendo também haver] uma estratégia textual em que determinados documentos são utilizados como prova ou indicação de fato. O texto sugere uma leitura indicial dos documentos, propõe considerá-los como marca da realidade.

Em outras palavras, pode-se dizer que não há provas dos supostos fatos trazidos por esses “documentos”, mas há convicção por parte do ente narrador que tenta simular um documento oficial com referências pautadas em sua leitura de realidade para credibilizar o discurso.

CONCLUSÕES

A partir da análise, podemos classificar o discurso apresentado pelo episódio “China - Brasil e a Guerra Irrestrita Contra a Pátria” como a montagem de uma *conspiração sistêmica*, ou seja, “algo com objetivos amplos, geralmente concebidos para garantir o controle de um país, uma região ou até mesmo o mundo inteiro” (Barkun 2003, p. 6, tradução nossa).

Entendemos essa uma narrativa desenvolvida tendo em vista um *leitor (espectador modelo)* (Eco 1993), com o objetivo de conversão de tendenciosos à crença e de reafirmação dos já crentes. Também notamos que a estrutura tanto das oposições semânticas quanto da narração, da enunciação e dos temas e figuras é similar ao que já foi observado em outras produções documentais da ultradireita, como, por exemplo, em conteúdos da produtora Brasil Paralelo (Andrade, Rossi e Demuru 2022), no entanto, devido à baixa quantidade de análises sobre tais conteúdos revisadas por

pares e que disponham da utilização da metodologia greimasiana, não podemos ainda afirmar a existência de uma tendência nesse tipo de produção documental.

No entanto, neste documentário em específico, a performance do jornalista-apresentador, personagem que não se sabe até que ponto possui continuidade no real, cumpre papel essencial na construção de um *efeito de sentido de verdade* que une a crença da isenção ideológica do jornalismo à utilização de indícios como provas irrefutáveis.

Ao que se observa, os artifícios utilizados buscam levar o (a) espectador(a) a crer que os supostos poderes chineses devem ser minados com urgência e, junto à construção narrativa e à ênfase disfórica dada a figuras relacionadas ao espectro político de esquerda, criam uma “estesia do medo” no campo da retórica. Tais dados aliados à data de lançamento do documentário e ao histórico político-ideológico do veículo de mídia produtor se tornam fortes indícios do caráter doutrinatório da obra em prol da ultradireita.

FINANCIAMENTO

Este artigo está vinculado à pesquisa “O discurso disruptivo em favor do conservadorismo”, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. e QUINAN, R, 2019. Crise Epistemológica e Teorias da Conspiração: o discurso anti-ciência do canal “professor terra plana”. *Mídia e Cotidiano*, v. 13, n.3.
- ANDRADE, M. E. S., ROSSI, A. R. e DEMURU, P, 2022. Amazônia e Agronegócio: a semiótica de um discurso conspiratório. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 21, n. 47, p. 248 - 266.
- BALTAR, M, 2010 Cotidianos em performance: Estamira encontra as mulheres de Jogo de Cena. In: MIGLIORIN, C. (org). *Ensaíos no Real*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.
- BARKUN, M, 2003. *A Culture of Conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America*. University of California Press: Berkley/ Los Angeles/ Londres.
- BRANDÃO, J e MASCARENHAS, M. C, 2022. As primeiras teorias da comunicação sob uma perspectiva interdisciplinar. *InterSciencePlace*, v. 17, n. 3.
- CONTI, B. M. e MOZIAS, P. A, 2020. Iniciativa do Cinturão e Rota: desafios e oportunidades para a China e para o mundo. *Revista Brasileira de Estratégia e Relações Interacionais*, v. 9, n. 17, p. 212 – 241.

- CRARY, J, 2016. 24/07: capitalismo tardio e os fins do sono. Ubu Editora: São Paulo. E-book.
- DEMURU, P, 2020. Conspiracy Theories, Messianic Populism and Everyday Social Media Use in Contemporary Brazil: A glocal semiotic perspective. *Glocalism: Journal of Culture, Politics and Innovation*, v. 3.
- DEMURU, P, 2021. Caos, teorias da conspiração e pandemia. *Acta Semiótica*, v. 1, n. 1.
- DEMURU, P, 2022. Caos, conspiração e messianismo. Em: FECHINE, Y.; DEMURU, P. *Um Bufão no Poder: ensaios sociosemióticos*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento.
- GONZÁLEZ, R. e SERRA, M, 2021. Documentary Functions: the uses of documents in nonfictional texts. *Visual Studies*, v. 36, n. 1.
- GREIMAS, A. J, 2014. Sobre o sentido II: ensaios semióticos. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp.
- GREIMAS, A. J. e RASTIER, F, 1974. Interazioni delle costrizioni semiotiche. In: *Del senso*. Milão: Bompiani.
- HETTENA, S. 2019. The obscure newspaper fueling the far right in Europe. *The New Republic*, 17 set. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/155076/obscure-newspaperfueling-far-right-europe>
- LACLAU, E, 2011. *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- LÖWY, M, 2015. Conservadorismo e Extrema Direita na Europa e no Brasil. Tradução: Deni Alfaro Rubbo; Marcelo Netto Rodrigues. *Serviço Social & Sociedade*, n. 124, out/dez, p. 652 – 664.
- MUDDE, C. 2019. *The Far Right Today*. Polity Press: Cambridge/ Medford. E-book.
- NICHOLS, B, 2005. *Introdução ao documentário*. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus Editora.
- OLIVEIRA, T, 2020. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2.
- PEDERSEN, P. O, 2013. The Never-Ending Disaster: 9/11 conspiracy theory and the integration of activist documentary on video websites. *Acta Universitatis Sapientiae, Film and Media Studies*, v. 6, n. 1, p. 49-64.
- ROOSE, K, 2020. Como o Epoch Times deixou de ser um jornal de uma religião chinesa obscura e virou um império pró-Trump. *The New York Times*; *O Globo*, 27 maio. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/como-epoch-times-deixou-de-ser-um-jornal-deuma-religiao-chinesa-obscura-virou-um-imperio-pro-trump-1-24713595>
- SAID, E, 2007 *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras.

SØRENSEN, B, 2014. Digital diffusion of delusions: a world wide web of conspiracy documentaries. Em: NASH, K.; HIGHT, C.; SUMMERHAYES, C. (Orgs). *New*

Documentary Ecologies: emerging platforms, practices and discourses. Palgrave Mcmillan: Basingstoke, p. 201 – 218.

THE Epoch Times. *About us*. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://www.theepochtimes.com/aboutus#about-us>

WALDMAN, S, 2021. Climate denial newspaper flourishes on Facebook. *E&E News*. 27 ago. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://www.eenews.net/articles/climate-denial-newspaperflourishes-on-facebook/>

WILSON, J, 2021. Falun Gong-aligned media push fake news about Democrats and Chinese communists. *The Guardian*, 30 abr. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2021/apr/30/falun-gong-media-epoch-times-democrats-chinese-communists>

WINSTON, B, 2011. A tradição da vítima no documentário griersoniano. Em: PENAFRIA, M. (Org). *Tradição e Reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário*. Livros Labcom, p. 58 – 81.

ZADROZNY, B. e COLLINS, B, 2019. Trump, Qanon and an impending judgment day: behind the Facebook-fueled rise of The Epoch Times. *NBC News*, 20 ago. [Acesso em 30 maio 2023]. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/tech/tech-news/trump-qanon-impending-judgment-daybehind-facebook-fueled-rise-epoch-n1044121>